



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL, DO
TRABALHO E DAS ORGANIZAÇÕES.

ESPECIALIZAÇÃO EM CLÍNICA PSICODINÂMICA DO TRABALHO E
GESTÃO DO ESTRESSE

**TRABALHO DOCENTE, READAPTAÇÃO FUNCIONAL
E IDENTIDADE: UM ESTUDO DE CASO**

MARIA DO SOCORRO XAVIER TRAVASSOS BARBOSA
ORIENTADORA: FERNANDA SOUSA DUARTE

BRASÍLIA, 2014

MARIA DO SOCORRO XAVIER TRAVASSOS BARBOSA

**TRABALHO DOCENTE, READAPTAÇÃO FUNCIONAL
E IDENTIDADE: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de
Brasília como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Clínica Psicodinâmica do Trabalho e
Gestão do Estresse.

Brasília – DF
2014

MARIA DO SOCORRO XAVIER TRAVASSOS BARBOSA

**TRABALHO DOCENTE, READAPTAÇÃO FUNCIONAL
E IDENTIDADE: UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Clínica Psicodinâmica do Trabalho e Gestão do Estresse.

Data da apresentação: 12 de dezembro de 2014

Maria do Socorro Xavier Travassos Barbosa

Prof. Ms. Fernanda Sousa Duarte

Dedico este trabalho a
todos os professores
readaptados.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pois sem Ele nem eu mesma estaria aqui. À Ele devo tudo e agradeço por me iluminar na consecução deste trabalho.

À minha orientadora Fernanda Sousa Duarte, o meu reconhecimento pelo carinho com que me orientou durante esses meses, com a astúcia, a percepção e a placidez que lhe são peculiares, sempre ao meu lado nas orientações. Sua brilhante intervenção nos momentos mais difíceis pelos quais passei, decerto, tornou possível que eu chegasse até aqui.

Às minhas queridas filhas; Sarah e Jéssica pelo carinho e o apoio constantes durante toda minha caminhada de pesquisa e estudo intenso.

Aos meus pais (em memória), exemplo de virtude na vida para os filhos e amigos.

Ao meu esposo José Geraldo Coutinho pela ajuda e apoio na organização desse trabalho.

A todos os professores do curso de especialização.

“[...] Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto à ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. [...] A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida [...].”

Sigmund Freud

RESUMO

Para a Psicodinâmica do Trabalho há uma forte importância do trabalho na formação da identidade. A identidade é desenvolvida ao longo de toda a vida do sujeito, vinculando-se à noção de alteridade. Nesse processo encontramos uma lacuna que não é possível ser preenchida. O “olhar do outro” é que possibilita a constituição do sujeito, é nessa relação com o outro que nos reconhecemos como semelhantes e ao mesmo tempo diferentes. Tendo em vista o trabalho como meio de constituição da identidade – consequentemente de promotor de saúde – e o processo de readaptação funcional como mudança na organização do trabalho de um sujeito em função de restrições impostas a sua capacidade laborativa o presente estudo tem o objetivo de analisar o impacto da readaptação funcional na identidade do professor da rede pública do Distrito Federal que adquiriu restrições laborativas em função da organização do trabalho docente. Para atingir os objetivos propostos nesse estudo foi realizada pesquisa qualitativa por meio de um estudo de caso. Participou da pesquisa uma professora, de educação infantil da Secretaria de Educação do Distrito Federal, responsável pela educação pública dos níveis iniciais até o ensino médio no DF. Quanto à discussão do material, optou-se pelo método de Análise Clínica do Trabalho. Essa técnica de análise é uma das três etapas que compõe a Clínica do Trabalho, procedimento de pesquisa e ação em Psicodinâmica do Trabalho. De acordo com os resultados encontrados nesta pesquisa podemos inferir que a readaptação funcional afeta não somente as relações com os colegas, mas também consigo mesmo, gerando impacto em sua identidade profissional e provocando a marginalização do trabalhador em seu antigo ambiente de trabalho. O presente trabalho é válido para apontar a necessidade de atenção à organização do trabalho e saúde dos professores, especialmente durante o processo de readaptação funcional.

Palavras-chave: *Psicodinâmica do trabalho; Readaptação funcional; Identidade.*

ABSTRACT

For the psychodynamics of the work there is a strong importance of the work in the formation of identity. Identity is developed throughout the life of the subject and is linked to the notion of otherness. In this process we find a gap that cannot be filled. The "look of the other" allows the constitution of the subject, it is in that relationship with others that the subject can recognize him/herself as similar and different at the same time. In view of the work as a means of identity formation - as a result of health promotion - and the process of functional re-adaptation as changing the organization of the work due to restrictions of working capacity the present study aims to analyze the impact of functional re-adaptation in the identity of a teacher of the Federal District public network of education who acquired laboral restrictions due to health problems related to work. To achieve the objectives proposed in this study a qualitative research was conducted through a case study. One teacher responsible for early childhood education in the Department of Education of the Federal District participated in the survey. As for the discussion of the material, we chose the method of Clinic Analysis of Work. This analysis technique is one of the three stages that make up the Clinic of Work, a research and action procedure in psychodynamics of work. According to the findings of this study we can infer that the functional re-adaptation not only affects relations with colleagues but also with oneself generating impact on professional identity and causing the worker's marginalization on their work context. This research also points to the need for attention to the organization of work and health of teachers especially during the functional re-adaptation process.

Keywords: Psychodynamics of work ; Functional re-adaptation ; Identity.

I. LISTAS DE ILUSTRAÇÕES: Quadros

Quadro 1a - Organização do Trabalho antes da Readaptação Funcional.....	35
Quadro 2a – Sofrimento, Defesas e Patologias antes da Readaptação Funcional...	37
Quadro 1b - Organização do Trabalho depois da Readaptação Funcional.....	40
Quadro 2b – Mobilização Subjetiva após a Readaptação Funcional.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.	09
1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO		92
1.1.1. Visão histórica da educação.....	Erro! Indicador não definido.	2
1.1.2. Professor e as mudanças no Brasil	Erro! Indicador não definido.	
1.1.3. Educação e o capitalismo	Erro! Indicador não definido.	
2. TRABALHO: FUNÇÃO ECONÔMICA X FUNÇÃO PSICOLÓGICA?		17
2.1.1. A Economia do Trabalho	Erro! Indicador não definido.	7
2.1.2. Psicodinâmica do trabalho		19
2.1.4. Trabalho e identidade		24
3. DOCÊNCIA E READAPTAÇÃO FUNCIONAL		25
4. MÉTODO		29
4.1. Participante		29
4.2. Instrumento.....		30
4.3. Procedimentos		32
4.4. Análise dos Dados		33
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO		34
5.1. Psicodinâmica do trabalho antes da Readaptação		34
5.1.1. <i>Eixo I: Organização do Trabalho</i>		36
5.1.2. <i>Eixo II: Mobilização Subjetiva</i>		37
5.1.3. <i>Eixo III: Sofrimento, Defesas e Patologias.</i>		39
5.2. Psicodinâmica do Trabalho na Readaptação Funcional		39
5.2.1. <i>Eixo I: Organização do Trabalho</i>		39
5.2.2. <i>Eixo II: Mobilização Subjetiva</i>		42

5.2.3. Eixo III: Sofrimento, Defesas e Patologias.	44
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
7. REFERÊNCIAS	53

TRABALHO DOCENTE, READAPTAÇÃO FUNCIONAL E IDENTIDADE

O trabalho é concebido como fonte de prazer e de humanização possibilitando o ser humano criar, refletir, escolher, transformar e auto-realizar. Como aponta Marx, à medida em que “o trabalho alienado subtrai do homem o objeto da sua produção furta-lhe igualmente a sua vida genérica, a sua objetividade real como ser genérico, e transforma em desvantagem a sua vantagem sobre o animal, porquanto lhe é arrebatada a natureza, o seu corpo inorgânico” (Marx, 1989, p.164).

O trabalho tem um sentido social para o sujeito, pois há uma relação de desejo na atividade laboral. Sendo assim, o trabalho é fonte de desejo do indivíduo e meio de sua expressão posto que a escolha profissional esteja vinculada com os aspectos da personalidade do sujeito, quem o indivíduo desejou e deseja ser e se tornar (Nobre, 2011).

O trabalho comporta trocas afetivas e econômicas, e é fundamento da vida cotidiana dos sujeitos. Por intermédio do trabalho temos contato com o mundo externo e interno do trabalhador. O mundo objetivo, com seus desafios, regras, paradigmas e valores, entra em conflito com a singularidade do sujeito, provocando o confronto entre relações e organização do trabalho e mundo interno e subjetivo do trabalhador, causando sofrimento psíquico. Portanto, o trabalho é compreendido como uma significativa forma do homem se colocar como indivíduo único, completo, e dá sentido à vida.

Para a psicodinâmica do trabalho, o sofrimento é uma experiência vivenciada, ou seja, é um estado mental que implica um movimento reflexivo da pessoa sobre seu "estar no mundo". O conceito de sofrimento pertence à ordem do singular; o sofrimento coletivo é inconcebível, já que não existe corpo coletivo. Se, clinicamente, se observam estratégias coletivas de defesa fundadas em uma cooperação entre sujeitos, por outro lado o sofrimento permanece sempre individual e único (Dejours, 1999).

Ao pensarmos em saúde mental, remetemo-nos à psicodinâmica do reconhecimento (Dejours, 2006). O reconhecimento, pelo outro, das contribuições não só materiais, mas, sobretudo, simbólicas dos sujeitos. Trata-se do reconhecimento do trabalho e não do indivíduo. Na lacuna existente entre a organização do trabalho prescrito e o real está o investimento do trabalhador, e

superar essa lacuna exige a desordem e a transgressão das regras prescritas para realizar um trabalho efetivo (Dejours, 1999).

Para a psicodinâmica do trabalho, o sofrimento pode ser confrontado por intermédio de estratégias de mediação para lidar com os efeitos dos constrangimentos do encontro do trabalhador com a organização do trabalho, que objetivam impedir a desestruturação e as desordens mentais dos trabalhadores.

Consideramos que o docente é um trabalhador que negocia sua força de trabalho e, portanto, necessita vendê-la para poder manter-se enquanto ser humano, para prover a sua subsistência. Portanto os professores, sendo trabalhadores pertencentes à sociedade, também estão sujeitos à lógica capitalista de produção. Em função das demandas trazidas pelas mudanças sociais e culturais, o docente é convocado a ampliar suas atividades profissional.

A identidade e a subjetividade são inerentes na configuração de estar no mundo e no trabalho humano geralmente, afetando, nesse caso do docente, o ponto de vista em relação à sua constituição e o seu estilo de atuação profissional. Com a saturação da lógica capitalista e da reestruturação produtiva neoliberal, identificação organizacional e acadêmica nos espaços é inegável que as relações da escola não passam ilesas pelas alterações que se dão no mundo do trabalho. Com o intuito de conseguir dar conta da formação dos quadros profissionais para essa organização do trabalho, a educação escolar foi solicitada como fundamento para o desenvolvimento econômico e assume a característica do modelo produtivo taylorista/fordista, já que era necessária a qualificação de mão de obra.

Todas as novas exigências tem levado à precariedade ao trabalho docente e os casos de adoecimento tem crescido, especialmente os de ordem psíquica. Dessa forma também a readaptação funcional começa a figurar no cenário da profissão do docente de escola pública. A readaptação funcional, processo de reinserção de trabalhador que adquire restrições laborais no exercício de sua atividade ou não, embora tenha o objetivo de promover a reintegração do sujeito tem sido percebida pelos docentes como fonte de novos sofrimentos advindos do sentimento de desvalorização, perda de capacidade, desqualificação e preconceito por parte de colegas e chefia.

TRABALHO DOCENTE, READAPTAÇÃO FUNCIONAL E IDENTIDADE

Tendo em vista o trabalho como meio de constituição da identidade – consequentemente de promotor de saúde – e o processo de readaptação como mudança na organização do trabalho de um sujeito em função de restrições impostas a sua capacidade laborativa o presente estudo tem o objetivo geral de analisar o impacto da readaptação funcional na identidade do professor da rede pública do Distrito Federal que adquiriu restrições laborativas em função da organização do trabalho docente.

Por objetivos específicos o estudo busca a) identificar a relação entre identidade e profissão docente do sujeito investigado; b) descrever a psicodinâmica do trabalho docente e o do professor readaptado e c) avaliar os contrastes entre ambas.

CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

1.1. Visão histórica da educação

A prática educativa é um fenômeno social e universal que envolve diversos sujeitos na atuação. Sendo assim, o processo educativo abrange conhecimentos historicamente determinados pela humanidade, pelas necessidades culturais, sociais, políticas e econômicas de cada nação. Tais conhecimentos, articulados às exigências do mercado de trabalho, se identificam com as obrigações da formação dos docentes e determinam seus espaços de atuação.

Para compreender a qualidade atual da educação no Brasil e o papel do docente nesse cenário é relevante percorrer os anais da sua origem. Mattos (1958) afirma que o espaço educacional teve origem no Brasil em 1549 com a chegada dos jesuítas na colônia portuguesa. O autor classifica seis períodos históricos para apresentar a linha do tempo da educação no país.

O primeiro período vai de 1549 a 1759, com os colégios jesuítas; no segundo de 1759 a 1827, surgem as “Aulas Régias” que compreendiam o estudo das humanidades e marcaram a passagem da pertença da educação ao Estado e não mais restritas à Igreja, mudança essa que estava alinhada aos ideais iluministas. Essas aulas surgem como parte da Reforma dos Estudos instituída pelo Marquês de Pombal – nobre diplomata e estadista português – e nesse período houve uma tentativa de se instaurar a educação pública. O terceiro período de 1827 a 1890 sobrevém à tentativa de tentar estabelecer a educação como de responsabilidade do poder público. No quarto período, de 1890 a 1931, ocorre a criação das escolas primárias nos estados na forma de grupos escolares com a ideologia do iluminismo republicano. O quinto período, de 1931 a 1961, foi marcado pela regulamentação das escolas superiores, secundárias e primárias, contemplando o ideário pedagógico renovador. Por último, o sexto período, que vai de 1961 até os dias de hoje, tem como característica a regulamentação da educação nacional compreendendo a rede pública – municipal estadual e federal – e a rede privada (Saviani, 2005).

Rubem Alves destaca que há uma distinção entre o professor e educador ao afirmar que “professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor.

Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda uma vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança” (apud Feracine 1998, p. 50). Observando o professor por essa ótica, compreendemos que ele tem um papel social a cumprir, papel este que se abaliza a gerar conflitos intelectuais para que, na busca do equilíbrio, o aluno se desenvolva (Freitas, 2005). Para outros teóricos na formação de professores encontra-se como questão-chave a necessidade do professor desempenhar uma atividade profissional ao mesmo tempo teórica e prática, visto que a atuação do docente requer elementos teóricos com situações práticas reais.

A identidade docente é construída a partir da escolha da profissão, permeando a formação inicial e pelos diferentes espaços institucionais em que se desenvolve a profissão, o que lhe impõe uma dimensão no tempo e no espaço. É estabelecida sobre os saberes profissionais e atribuições de ordem ética e deontológica. É configurado por duas marcas: a experiência realizada e a prática. (Novoa 1992). A formação do docente é uma ação contínua e progressiva, que envolve diversas instâncias e que atribui valorização significativa para a prática pedagógica e para a experiência consideradas componentes constitutivos da formação.

Para Cunha (2006, p.486) o professor é visto como sujeito ativo “capaz de ressignificar, com maior ou menor intervenção, os fazeres de sua profissionalidade”. Sendo assim, a condição da profissionalidade é fundamental para a construção da identidade do profissional docente.

1.2. Professor e as mudanças no Brasil

Depois da Revolução Francesa de 1789 e ao longo dos séculos seguintes surge a necessidade de se formar um novo tipo de professor e de escola. Sendo assim, a escola e os educadores teriam a missão de educar – transmitir valores – e não somente instruir – ensinar a ler, escrever e contar – ou administrar conhecimentos. Portanto, a escola teria o papel de substituir em parte o papel da família, trabalhando valores, moral e conhecimentos a fim de civilizar crianças e jovens, que viveriam em centros urbanos e deveriam transformar-se em cidadãos produtivos, de acordo com as exigências do sistema econômico vigente.

TRABALHO DOCENTE, READAPTAÇÃO FUNCIONAL E IDENTIDADE

No Brasil, em 1834 com a reforma da Constituição, os professores práticos – que aprendiam fazendo – foram substituídos por um profissional da docência. Somente na década de 1930 que foram criados cursos superiores de formação de professores, e a partir de 1943 estruturados oficialmente com a fundação da Universidade de São Paulo e Universidade do Distrito Federal, criadas por Anísio Teixeira em 1935.

O processo de profissionalização dos professores e trabalhadores em educação foi avançando até chegar à reescrita da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996 que vigora até hoje e estabelece que a preparação dos profissionais da educação básica deve se basear em uma sólida formação que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais, atrelando a teoria à prática, mediante capacitação em serviço, estágios supervisionados ou aproveitamento de experiências anteriores em instituições de ensino (Piletti, 2012).

É relevante destacarmos ainda duas considerações sobre o cenário em que os docentes estão inseridos: seu papel como gestor, ligado diretamente às exigências do processo de educação em si, e a reestruturação produtiva do capitalismo. Segundo Kuenzer, (2002):

“As mudanças ocorridas no mundo do trabalho a partir da década de 1990, com a globalização da economia e com as novas formas de relação entre Estado e sociedade civil advindas do neoliberalismo, mudaram as demandas que o sistema capitalista faz a escola” (p. 47).

A partir dos anos 1980, com a abertura política que marcava a passagem da ditadura para o governo da Nova República, com o neoliberalismo, os professores tiveram por muito tempo o peso do tecnicismo que era imperativo naquele período, o racional técnico que insistia e ainda insiste em prescrever normas quanto à atuação do docente, restringindo o professorado a executores de um projeto vinculado a objetivos políticos da ordem social vigente. Percebemos que a escola configura o homem necessário para a sua época. Sendo assim, podemos afirmar que o contexto supracitado influenciou de modo considerável na organização e gestão dos estabelecimentos de ensino.

Saviani (2007) ao abordar o percurso histórico da educação no Brasil e as práticas educacionais desde a chegada dos jesuítas ao Brasil até os dias atuais aponta que durante séculos a formação do perfil docente tem sido ampliada assim como

seu campo de atuação. Mapeando o contexto histórico notamos que os docentes são muito cobrados com relação à eficiência do seu trabalho como também quanto a uma formação solidificada representada por títulos acadêmicos, herança das exigências de um sistema neoliberal.

Para Will (2004) o chamado fenômeno de proletarização do magistério retrata a deterioração das condições de trabalho do professor com perda gradativas da qualidade profissional. A proletarização de professores aborda que os docentes, enquanto categoria, sofrem ou estão sofrendo uma transformação nas características de suas condições de trabalho assim como em sua organização. Dessa forma, a profissão docente é vista cada vez mais distante da ideia de vocação trazida por Rubem Alves e cada vez mais próxima da classe operária, com condições e conseqüentemente problemas semelhantes.

1.2. Educação e o capitalismo

Para o capitalismo os meios de produção são propriedade privada de uma só classe. O produto do trabalho é transformado em mercadoria e reflete aos homens as características sociais de seu próprio trabalho. Os sentidos passaram a existir mediante a existência de seu objeto, o que assinalar-se como a *hominização* dos objetos e, simultaneamente, uma *coisificação/reificação* dos homens. Com o advento da tecnologia, a substituição de trabalhadores por máquinas altamente tecnológicas e sofisticadas é cada vez mais frequente (Marx, 2002).

Ao observamos o momento histórico nos deparamos com uma realidade capitalista cujo modelo de produção taylorista/fordista característico do protótipo de acumulação industrial, que é abalizado pela divisão do trabalho, mecanização da produção, estrutura hierarquizada verticalmente e caracterizada em níveis operacionais de direção, planejamento, supervisão e execução. Esse é um sistema que propiciou a produção da fragmentação da organização do trabalho entre trabalho intelectual e braçal, planejamento e execução (Paro, 2006).

São muitas as marcas deixadas na sociedade na prática do pensamento de Frederick Winslow Taylor, engenheiro americano considerado Pai da Administração Científica. De acordo com Rago e Moreira (2003), na França, em

1913, o jornal operário *La Bataille Syndicaliste* divulgou que a cronometragem e os métodos de Taylor não permitiam ao operário pensar, restando-lhe somente executar rápida e infinitamente um dos numerosos movimentos que se compõem cada tarefa. Os seus ensinamentos atravancaram continentes e influenciaram de certa forma alguns hábitos humanos, até hoje recorrentes presente nos relacionamentos empresa-empregado e na maneira do sujeito de perceber e compreender a sua própria relação com o trabalho (Aktouf, 1996).

É notório que as relações da escola não passam ilesas pelas afinidades que se dão no mundo do trabalho. Com o intuito de conseguir dar conta da formação dos quadros profissionais para essa organização do trabalho, a educação escolar foi solicitada como fundamento para o desenvolvimento econômico e assume a característica do modelo produtivo taylorista/fordista, já que era necessária a qualificação de mão de obra, conforme afirma Shiroma (2007).

O modelo taylorista-fordista adotado em várias esferas sociais inclusive a na escola, afeta fundamentalmente a formação dos estudantes, mas, sobretudo os profissionais docentes. Exemplo disso é a administração escolar que é dotada de uma hierárquica vertical na divisão das funções, surgindo uma separação entre os especialistas da administração escolar – coordenadores pedagógicos, supervisores e administradores, responsáveis pelo planejamento e organização da escola – e os docentes responsáveis pela execução do processo de ensino.

É inegável, que o serviço público, e nele o trabalho docente não estão ilesos às modificações ocorridas no universo do trabalho. Basta observar a precarização das condições de trabalho em função da necessidade de produção de mão de obra qualificada através da educação formal. Lacaz (2010) destaca que existe uma impregnação da lógica capitalista e da reestruturação produtiva neoliberal, calhada como capitalismo organizacional e acadêmico nos espaços da escola. Esses novos modos de trabalhar surgidos da reestruturação dos sistemas econômicos trouxeram características diferentes ao mundo do trabalho que exacerbam a concorrência e o individualismo, além do foco no resultado ao invés do processo de trabalho. O imperativo desse novo sistema é a eficiência e isso traz impactos sociais e psíquicos à saúde de todos os trabalhadores.

CAPÍTULO 2 – TRABALHO: FUNÇÃO ECONÔMICA x FUNÇÃO PSICOLÓGICA?

2.1. A Economia do Trabalho

Na dinâmica capitalista, os meios de produção são propriedade privada de uma só classe, em que o trabalho submergiu o exterior da formulação da dignidade humana sendo que o produto do trabalho passa a ser somente uma forma de mercadoria e “reflete aos homens as características sociais de seu próprio trabalho” (Marx, 2002).

No capitalismo o trabalho concreto, produtor de valores de uso, é subordinado ao trabalho abstrato, produtor de valores de troca. O monopólio privado dos elementos de produção impossibilita que o trabalho se materialize como uma atividade emancipadora e assim o trabalho pode se tornar uma atividade alienada e ofensiva. O trabalho vira meio e não um fim em si próprio.

No capitalismo o trabalho humano é compreendido como produção de mercadorias e valorização do capital, construindo assim, um caráter ambivalente. É perceptível que o indivíduo transforma-se em objeto também, e os objetos incidem a valer como coisas (Barroco, 2001).

O filósofo e economista Marx (2004) assim define o processo de alienação:

[...] o trabalhador se relaciona com o produto do seu trabalho como a um objeto estranho. Com base nesse pressuposto, é claro que quanto mais o trabalhador se esgota a si mesmo, mais poderoso se torna o mundo dos objetos, que ele cria diante de si, mais pobre ele fica na sua vida interior, menos pertence a si próprio [...] A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto assume uma existência externa, mas que existe independentemente, fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica (Marx, 2004, p.112).

Segundo o autor, na sociedade capitalista a detenção privada dos meios de produção inviabiliza a materialização do trabalho como forma emancipadora e os trabalhadores tornam-se alienados aos objetos que eles mesmos criam, à relação de atividade mesmo e aos outros. Sendo assim, quando o trabalhador é apartado dos meios de produção e, concomitante, do planejamento e do resultado de seu trabalho,

essa separação produz uma relação de estranheza que não consente que a riqueza produzida socialmente seja apropriada pelos seus elaboradores

Karl Marx afirma que o indivíduo é o ser do trabalho, o sujeito social que alcança o mundo com suas atividades, aquele que realiza suas obras, seus feitos para humanidade, sendo que, quando produzimos algo, isso não mais nos pertence, passando a concernir a sociedade. Na concepção marxista, o sujeito objetiva sua subjetividade na construção de algo que tenha uma materialidade, uma existência concreta (Fernandes, 2008).

Para Marx, o trabalho é a mediação para se alcançar a objetivação da subjetividade, pois é por intermédio da atividade que se coloca em prática a efetivação do projeto humano e do desejo humano. O sujeito no seu universo, em permanente aprendizagem, na manipulação e não modificação da natureza. Para esse teórico produzir é projetar, se objetivar no mundo dos objetos e transformar a natureza em uma natureza humanizada para os indivíduos. Sendo assim, o trabalho faz parte da essência humana, do ser, de sua realização pessoal, da sua edificação de sua identidade de ser social. Bem como é a inclusão dos homens com a natureza e entre si na possibilidade das condições necessárias a sua existência (Fernandes, 1986).

O trabalho é concebido como fonte de prazer e de humanização possibilitando o ser humano criar, refletir, escolher, transformar e auto-realizar. Como aponta Marx, à medida em que “o trabalho alienado subtrai do homem o objeto da sua produção furta-lhe igualmente a sua vida genérica, a sua objetividade real como ser genérico, e transforma em desvantagem a sua vantagem sobre o animal, porquanto lhe é arrebatada a natureza, o seu corpo inorgânico” (Marx, 1989, p.164).

Sobre o trabalho, Marx (1974) ainda destaca que há uma necessidade de uma satisfação social, de efetivação humana que proporciona a produção de valores e de ideias. De acordo com essa ideologia consideramos que é no modo de produção capitalista que o trabalho perde a essência de uma estrutura de liberdade e realização de si mesmo, advindo a ser curioso e alienado.

Com a observação das mudanças no mundo tanto em termos econômicos quanto sociais, Freud repensa o trabalho em termos psicológicos em sua obra “O mal estar na civilização”, de 1929, que expõe a atividade do trabalho em duas chaves: o

da ordem da necessidade e a da sublimação. A questão do trabalho abrange também o amor social, a agressividade, a dominação e, claro, a libido e as pulsões.

Para Freud o trabalho faz parte do funcionamento da psique humana. A civilização se organiza através do trabalho, possibilitando os indivíduos o sentimento de produtividade, e reconhecimento ante os outros. (Freud 1929). Assim atividade laboral tem um significado social para o sujeito e conseqüentemente psíquico.

O trabalho tem um sentido social para o sujeito, pois há uma relação de desejo na atividade laboral. Sendo assim, o trabalho é fonte de desejo do indivíduo e meio de sua expressão posto que a escolha profissional está vinculada com os aspectos da personalidade do sujeito, quem o indivíduo desejou e deseja ser e se tornar (Nobre, 2011).

2.2. A Psicodinâmica do Trabalho

O trabalho é a representação central da compreensão da sociedade é uma das terminações do processo saúde e ou doença. O trabalho pode contribuir para a estruturação biopsíquica, social cultural e ambiental do sujeito, mas ao mesmo tempo de estar relacionada com a doença e a morte precoce.

A saúde mental no trabalho é tema de inúmeras pesquisas e estudos no âmbito da psicologia. Foram muitos os pesquisadores que buscaram compreenderem o sofrimento do sujeito no trabalho. As pesquisas tomaram novo rumo após Dejours. Porém, com o adiantamento das pesquisas e a inserção de conceitos sobrevividos da ergonomia, da sociologia e da psicanálise vinculou na conformação de uma teoria própria. (Seligmann, 2004).

Dejours (2012) compreende também que o trabalho se relaciona com o cenário da infância, na relação pais e filho, com atualizações dessas cenas com os outros trabalhadores. Nessa atualização do conflito infantil sugerido por Freud para compreender a estruturação psíquica dos sujeitos, o objetivo não é unicamente o prazer de um jogo, mas a ação no campo da produção das relações sociais, ou seja, do político. Assim a experiência do trabalho permite o acesso ao psíquico, aos desejos, sendo aquilo que em Psicanálise pode-se chamar de mudança de objeto e conseqüentemente do investimento das pulsões.

O elemento distinto na teoria de Dejours(1987) é a relação dos conflitos psíquicos que emergem no trabalho a partir do seu contato com as condições sociais, econômicas e históricas que alicerçam o trabalho. Ele afirma que do trabalho podem advir experiências de prazer e/ou de sofrimento e essas não estão segregadas nem da personalidade dos sujeitos trabalhadores nem do contexto histórico, social e econômico em que estão inseridos. Para ele a organização do trabalho exerce sobre o homem uma ação específica cujo impacto é em seu aparelho psíquico. Em certas condições emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos e uma organização do trabalho que os ignora.

Sendo assim, relação entre prazer e sofrimento no trabalho está intimamente articulada às formas de organização do trabalho; segundo Heloani (2008, p. 2), “há uma relação complexa e singular entre as mudanças nos sistemas organizacionais e a vida psíquica”. A organização do trabalho pode ser definida como as tarefas, os tempos, os ritmos, as relações socioprofissionais, a divisão social dos homens que surge de seus engajamentos com fins de executar um objetivo comum.

O sofrimento no trabalho revela o conflito entre os limites do corpo e os problemas das atividades no trabalho, sendo inevitável uma vez que a realidade sempre impõe constrangimentos às atividades do homem sobre o mundo. O trabalho prescrito – aquilo que a instituição espera ser feito – é sempre uma idealização, um conjunto de diretrizes que dão o norte para a realização do trabalho real – aquele que dentro das imposições do real pode ser realizado.

A discrepância entre o trabalho real e o prescrito está também no emprego das estratégias de mobilização coletiva e individual dos trabalhadores. É sabido que o trabalho prescrito é importante porque é sob as regras que se estabelece uma sociedade democrática. É no laboral cotidiano que se exercita a democracia e a cidadania (Martins, 2012). Assim, da lacuna entre prescrito e real nasce o trabalhar, fruto do sofrimento.

Na psicodinâmica do trabalho, o sofrimento é uma experiência vivenciada, ou seja, é um estado mental que implica um movimento reflexivo da pessoa sobre seu "estar no mundo". O conceito de sofrimento pertence à ordem do singular; o sofrimento coletivo é inconcebível, já que não existe corpo coletivo. Se,

clínicamente, se observam estratégias coletivas de defesa fundadas em uma cooperação entre sujeitos, por outro lado o sofrimento permanece sempre individual e único. (Dejours, 1999)

Dejours (2004a) declara que o sofrimento e o conteúdo da significação e das formas desse sofrimento é um espaço clínico intermediário que marca a evolução de uma luta entre, por um lado, funcionamento psíquico e mecanismo de defesa e, de outro, pressões organizacionais.

Há dois tipos de sofrimento que emergem no trabalho: o primeiro está relacionado com a história psíquica do sujeito e o outro com a relação que o sujeito tem com o seu trabalho. Quando o indivíduo diante do sofrimento é capaz de organizar recursos para não adoecer o designamos de sofrimento criativo. Diante de situações de sofrimento em que o indivíduo falha na busca de soluções o caracterizamos como sofrimento patogênico.

O sofrimento patogênico ocorre quando todas as margens de liberdade na transformação, gestão e aperfeiçoamento da organização do trabalho foram utilizadas. Isto é, quando foram explorados todos os recursos defensivos, o sofrimento residual, não equilibrado, continua seu trabalho de prejudicar e começa a destruir o aparelho mental e o equilíbrio psíquico do sujeito, impelindo o vagarosamente ou brutalmente para uma descompensação e para a doença. Portanto, o sofrimento é inevitável e oblíquo, pois tem origem na história do sujeito, sem exceção. Assim, quando o sofrimento é transformado em criatividade, ele traz uma contribuição que beneficia a identidade, aumentando a resistência do sujeito de risco de desestabilização psíquica e somática (Dejours, 1994).

Para a psicodinâmica do trabalho, a mediação do sofrimento gerado no trabalho ocorre através de estratégias de defesa formuladas e adotadas individual e coletivamente. As estratégias defensivas têm um duplo papel: favorecem o equilíbrio psíquico e a adaptação a situações antagônicas, ao mesmo tempo em que, ao ampararem uma falsa estabilidade psíquica, podem mascarar o sofrimento e se tornar patológicas (Ferreira, 2009).

A estratégia defensiva são os mecanismos inconscientes usados pelos trabalhadores para negarem o sofrimento ou o racionalizarem (Ferreira e Mendes 2003). Os mecanismos de defesas são considerados uma forma de adaptação, não

concebendo somente patologia, mas são apresentadas como doências quando são ineficazes ou então não se adaptam às realidades internas e externas.

Contudo, a manutenção e promoção de saúde assim como a constituição subjetiva podem ocorrer por meio do trabalho quando a inteligência prática entra em ação. Podemos observá-la em qualquer trabalho, e seu desenvolvimento contribui para o potencial criativo do trabalhador, para resolução de problemas, diminuição do desgaste físico e mental e sua estimulação decorre do reconhecimento externo do seu desempenho (Athayde, 1996).

Ao pensarmos em saúde mental, remetemo-nos à psicodinâmica do reconhecimento (Dejours, 2006). O reconhecimento, pelo outro, das contribuições não só materiais, mas, sobretudo simbólicas dos sujeitos. Trata-se do reconhecimento do trabalho e não do indivíduo. Na lacuna existente entre a organização trabalho prescrito e o real está o investimento do trabalhador, e superar essa lacuna exige a desordem e a transgressão das regras prescritas para realizar um trabalho efetivo (Dejours, 1999). O reconhecimento expresso na dinâmica subjetiva de contribuição-retribuição é fundamental para a construção da identidade do sujeito no trabalho e conseqüentemente para sua saúde mental, uma vez que toda crise psicopatológica, ainda de acordo com Dejours, é uma crise de identidade (Dejours, 2004).

2.3. Trabalho e identidade

A temática identidade tem sido abordada em vários estudos relativos a fenômenos sociais contemporâneos. A identidade é significativa tanto do ponto de vista pessoal, social, é importante para apreensão de práticas singulares ou coletivas, desencadeadas na atualidade.

Na visão sócio-histórico-cultural o sujeito é considerado um ser histórico e social que se constitui na e pela linguagem. De acordo com Vygotsky (1934/1998), é através do discurso e pelo discurso que se estrutura o conhecimento. Pelo olhar e influência do outro cada um pode se conhecer e se constituir como pessoa (Bakhtin/Volochinov, 1929/2002). Nessa perspectiva há uma relação entre subjetividade e identidade, com o foco nas relações humanas para a constituição dessas duas últimas.

Para Scoz (2011, p.26), subjetividade e identidade “permeiam o modo de estar no mundo e no trabalho humano em geral, afetando, no caso do professor, suas perspectivas em relação à sua formação e a suas formas de atuação profissional”. Já Ciampa (1998) destaca que as construções identitárias são formas de organização da subjetividade e a identidade constitui o movimento de concretização de si que acontece em função do desenvolvimento do concreto. Aponta, pois, as relações entre os fatores individuais, sociais e históricos.

Para a Psicodinâmica do Trabalho há uma forte importância do trabalho na formação da identidade. A identidade é desenvolvida ao longo de toda a vida do sujeito, vinculando-se à noção de alteridade. Nesse processo encontramos uma lacuna que não é possível ser preenchida. O “olhar do outro” é que possibilita a constituição do sujeito, é nessa relação com o outro que nos reconhecemos como semelhantes e ao mesmo tempo diferentes. A identidade individual e social é construída nas relações cotidianas, proporcionando ao sujeito a construção de sua singularidade em meio às diferenças. O espaço do trabalho é um palco excepcional de trocas, aparecendo como o mediador central da construção, do desenvolvimento, da complementação da identidade e da constituição da vida psíquica. (Lancman, 2008)

A construção da identidade se dá no campo social e alude não somente à relação com o outro, mas também a um terceiro elemento: o real. A relação que o sujeito mantém com o real é que proporciona a o reconhecimento da identidade do sujeito no campo social. Há um julgamento direto do outro sobre o sujeito, mas também há um julgamento sobre a relação do sujeito com o real que, neste caso, se dá pelo trabalho. Assim, o reconhecimento da identidade e sua constituição é sempre triangulada no campo social a partir da relação dinâmica Ego-Real-Outro (Dejours, 1999).

A constituição e manutenção da identidade pelo trabalho é uma contribuição teórica importante da Psicodinâmica do Trabalho. De acordo com Dejours, no lugar do Ego está o Sofrimento, o Real é representado pelo Trabalho e o Outro, pelo Reconhecimento. O trabalho é visto como um dos grandes alicerces de constituição do sujeito e de sua rede de significados. Ações como reconhecimento, gratificação, mobilização da inteligência, mais do que relacionados à realização do trabalho estão ligados à constituição da identidade e da subjetividade. (Lancman, 2008).

TRABALHO DOCENTE, READAPTAÇÃO FUNCIONAL E IDENTIDADE

Sendo assim, o trabalho exerce uma centralidade na vida do sujeito, exibindo um prosseguimento entre o funcionamento psíquico no trabalho e fora dele. A relação subjetiva com o trabalho leva seus tentáculos para além do espaço da fábrica ou do escritório ou da sala de aula e coloniza profundamente o espaço fora do trabalho. Para a psicodinâmica do trabalho não há sentido em separar o mundo psíquico em “dentro do trabalho” e “fora do trabalho” (Dejours, 2004b).

A identidade do professor esta ligada à interpretação social da sua profissão. Ao considerarmos que os movimentos sociais tem intrínseca relação com os projetos educacionais, notamos que a escola não é um espaço aleatório e sim um cenário em que a subjetividade se faz presente. Isso implica em dizer que a função que esta instituição tem na sociedade provoca efeitos não só na organização do trabalho docente como também na constituição subjetiva desses trabalhadores. E, sobretudo, em seus processos de saúde-adoecimento.

CAPÍTULO 3 – DOCÊNCIA E READAPTAÇÃO FUNCIONAL

Nos últimos séculos tem se observado que a qualidade do trabalho tem afetado a saúde dos trabalhadores proporcionados dos distúrbios psíquicos e vivências depressivas. De acordo com a OMS as duas próximas décadas, a depressão será a segunda maior causa de morte e inabilidade no Planeta Terra. É perceptível o crescimento de aposentadoria, em países europeus em consequência dos danos psíquicos (Teske, 2008).

De acordo com Teske (2008), a organização do trabalho personifica a insegurança quanto ao futuro com longas jornadas de trabalho acompanhadas de pressão, tirania para execução de metas estabelecidas, relações afetivas tensas, competitividade, insensibilidade ao sofrimento do outro e a ausência de solidariedade. Existe abuso de poder, autoritarismo, omissão e a conivência com os desmandos hierárquicos.

Compreende-se, que o servidor público, e nele está incluso o trabalho docente, não ficou ileso, pois as condições precárias de trabalho têm afetado social e psicologicamente os trabalhadores regentes de sala de aula. Para Lacaz (2010) a penetração da lógica capitalista e da reestrutura produtiva neoliberal, afetou as instituições educacionais públicas, determinando a precarização das condições do trabalho docente.

É evidente que a organização do trabalho do professor tem implicações no perfil epidemiológico das doenças referentes ao trabalho do docente (Toldráet al., 2010). Os altos índices de doenças relacionadas à voz e a lesões por esforço repetitivo – LER – assim como doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho – DORT – figuram junto à alta incidência de problemas psíquicos na categoria: transtornos de humor como a Depressão, e transtornos de ansiedade como a Síndrome do Pânico, Reação ao Estresse Agudo e Transtorno do Estresse Pós-Traumático já fazem número praticamente semelhante aos problemas físicos altamente relacionados às condições de trabalho da profissão.

O grande número de adoecimento entre os professores do sistema público de educação tem gerado grande interesse no estudo da profissão e de suas condições de

trabalho e pode-se encontrar diversas produções acadêmicas sobre a questão da saúde desse trabalhador. Os estudos demonstram que a interferência política, a falta de professores, o grande volume de licenças médicas e o adoecimento psíquico são problemas entre esses trabalhadores. Perante esse quadro preocupante e comprovado de adoecimento o que pouco tem-se estudado é a questão dos docentes que adoecem e não conseguem voltar a exercer seu ofício em função da perda de capacidade laboral. Para esses professores é dado o destino da Readaptação Funcional.

A readaptação profissional é “a investidura do servidor em cargo de atribuições e responsabilidades compatíveis com a limitação que tenha sofrido em sua capacidade física ou mental verificada em inspeção médica” (Brasil, 1990; Rio de Janeiro, 1979). A perícia médica é realizada particularmente e afastada das “relações ao trabalho”, e esse procedimento tem prejudicado a análise dos processos de trabalho e seu atrelamento com o adoecimento (Brito et. al, 2001). O importante discernimento de readaptação do docente é a averiguação da sua habilidade laboral realizada pela junta médica. As restrições laborativas que levam à readaptação funcional podem ou não ser frutos de acidente de trabalho, ou seja, relacionadas ou não ao exercício da função.

De acordo com a Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990, que regulamenta as relações jurídicas entre os servidores públicos estatutários e a Administração Pública Federal, conceitua a Readaptação Funcional em seu artigo 277:

“**Art. 277.** Ao servidor efetivo que sofrer redução da capacidade laboral, comprovada em inspeção médica, devem ser proporcionadas atividades compatíveis com a limitação sofrida, respeitada a habilitação exigida no concurso público.

Parágrafo único. O servidor readaptado não sofre prejuízo em sua remuneração ou subsídio.”

No Distrito Federal, para os docentes da Secretaria de Educação, está disposto no Decreto nº 58.973, de 18 de março de 2013 que a readaptação funcional pode ainda ser proposta pelo Comitê de Apoio ao Servidor – CAS da Secretaria da

Educação, quando, através de inspeção médica, ficar comprovada a modificação do estado físico e/ou mental deste, sendo que o servidor readaptado, enquanto perdurar sua readaptação, deverá cumprir o Rol de Atribuições constante da respectiva Súmula de Readaptação, na unidade/órgão de classificação do seu cargo ou função-atividade, que é sua sede de exercício. Nesse rol constam as novas atribuições que podem ser desempenhadas a partir da determinação das limitações laborais do profissional.

Após levantamento junto à Biblioteca Central da Universidade de Brasília e outras unidades acadêmicas via internet com os termos “Readaptação Funcional” e “Professores” constata-se a existência de pesquisas sobre a incapacidade laborativa de trabalhadores de modo geral como em Medeiros e Barreto (2006) que em sua pesquisa destacam que a disfonia tem se tornado frequente causa de afastamento e readaptação no trabalho. Lorenz & Fuess (2003) concluíram o mesmo em seu trabalho. Medeiros (2010) em seu estudo com professores readaptados da rede pública do Distrito Federal percebe uma tendência diferente: no biênio 2007/2008 a maior causa de readaptação funcional de docentes foi a depressão, seguida de problemas osteomusculares e distúrbios de voz. No ano de 2008, na região do DF, os casos de depressão tiveram aumento de 400% como motivo de readaptação. Além do aumento de readaptações causadas pela depressão, também nota-se o crescimento do número de professores readaptados, com um número de 375 no ano de 2008 – mais que o dobro do valor do ano anterior. A tendência crescente permanece até os dias atuais.

O processo da readaptação funcional visto como uma possibilidade de reinserção do profissional em seu meio de trabalho de origem, no entanto, tem se constituído como uma ameaça à constituição identitária, como constata Medeiros (2010):

“a abordagem da identidade profissional do professor readaptado busca retratar a ameaça sofrida por esse profissional que, diante do adoecimento, terá que reconfigurar sua identidade para si e para os outros, seus pares. Assim, a readaptação funcional do professor, que deveria representar uma garantia de continuidade da

atuação desse profissional como tal, exerce função de ameaça a sua identidade” (p. 45).

Com o grande número de adoecimentos a readaptação funcional começa a figurar como um possível sintoma do trabalho causado pelas condições precárias e organização do trabalho docente altamente voltado para os resultados, ignorando o processo de sua produção, e assim esvaziado de sentido. É urgente repensarmos na adaptação do trabalho ao homem e não o contrário. A esses trabalhadores que se vem privados de exercer o ofício que escolheram ou que se acostumaram a realizar, em que investiram não só tempo e dinheiro como também psiquicamente, quais os novos destinos seus sofrimentos já cristalizados como patologia tem? A readaptação é um novo caminho para a saúde ou a permanência em uma trilha de sofrimento e preconceitos?

Tendo em vista o trabalho como meio de constituição da identidade – consequentemente de promotor de saúde e o processo de readaptação como mudança na organização do trabalho de um sujeito em função de restrições impostas a sua capacidade laborativa o presente estudo tem o objetivo geral de analisar o impacto da readaptação funcional na identidade do professor da rede pública do Distrito Federal que adquiriu restrições laborativas em função da organização do trabalho docente.

Por objetivos específicos o estudo busca 1) identificar a relação entre identidade e profissão docente do sujeito investigado; 2) descrever a psicodinâmica do trabalho docente e o do professor readaptado e 3) avaliar os contrastes entre ambas.

CAPÍTULO 4 – MÉTODO

Para atingir os objetivos propostos nesse estudo foi realizada pesquisa qualitativa por meio de um estudo de caso. Minayo (1996) afirma que esse tipo de método trabalha com significados, motivações, valores e crenças que não podem ser meramente reduzidos às questões quantitativas uma vez que correspondem a noções muito particulares. O intuito desse tipo de pesquisa é estudar profundamente uma organização, problema ou questão. Na concepção de Gaskell (2002) a pesquisa qualitativa tem por finalidade explorar aspectos de opiniões, as diferentes representações sociais relacionadas com o tema pesquisado.

O estudo de caso permite o estudo em profundidade que de aspectos do problema de pesquisa dentro de um período de tempo limitado. Para Chizzotti (2006) o estudo de caso como modalidade de pesquisa origina-se nos estudos antropológicos de Malinowski e na Escola de Chicago e, posteriormente, teve seu uso ampliado para o estudo de eventos, processos, organizações, grupos, comunidades. Ultimamente tem sido adotado na investigação de fenômenos das mais distintas áreas do conhecimento, podendo ser visto como caso clínico, metodologia didática ou modalidade de pesquisa.

4.1. Participante

Participou da pesquisa uma professora, Lucia (nome fictício), de educação infantil da Secretaria de Educação do Distrito Federal, responsável pela educação pública dos níveis iniciais até o ensino médio no DF. Lucia tem 40 anos de idade, natural de Brasília, é casada, tem dois filhos. Graduada em pedagogia e pós-graduada em ciências humanas com ênfase no Ensino Médio. Começou a trabalhar na Secretaria de Educação em 1993, e no momento desta pesquisa já tinha 21 anos de serviço. Sua expectativa de aposentadoria é no ano de 2018, por tempo de trabalho, completando assim 25 anos no órgão.

Na infância, Lucia trabalhou ajudando o pai na feira e na construção de casas e relata ter escolhido a profissão de professora por influência da mãe que também era

professora e diz que não consegue se imaginar em outra profissão. Na adolescência cursou o magistério e ainda no terceiro ano do curso prestou concurso para ser professora do sistema público de ensino e foi admitida para trabalhar na extinta Fundação Educacional – a atual Secretaria de Educação do Distrito Federal, para regente de sala de aula da educação infantil. Enquanto aguardava iniciar o trabalho como docente, trabalhou com funções administrativas em loja de eletrônicos e afirmou que odiava a função. Já admitida na função docente no ensino público trabalhou em diversos níveis educacionais: da creche ao Ensino de Jovens e Adultos, sempre na cidade do Gama, Distrito Federal.

Há cinco anos Lucia foi readaptada funcionalmente em função de diagnóstico psiquiátrico de Transtorno de Ansiedade caracterizado por ataques de pânico, junto com Transtorno Depressivo Recorrente. Relata que já esteve internada em hospital psiquiátrico e atualmente faz o tratamento medicamentoso para ambos os transtornos sem necessidade de internação junto a um psiquiatra que acompanha o seu caso uma vez a cada dois meses. Além dos problemas psíquicos, a professora readaptada sofre de problemas na coluna, para os quais também realiza acompanhamento médico e tratamento via medicamentos.

A função atual prescrita de Lúcia é assistente técnico pedagógico na cidade do Gama, tendo permanecido no mesmo local de trabalho em que estava antes da readaptação.

4.2. Instrumento

Foi realizada entrevista semi-estruturada com duração aproximada de 01h30min. Para Queiroz (1988) a entrevista semi-estruturada é uma técnica de coleta de dados que supõe um diálogo entre pesquisado e pesquisador e que deve ser conduzida por este último de acordo com seus objetivos. Desse modo, da vida do informante só interessa aquilo que está diretamente relacionado ao domínio da pesquisa. A autora considera que, por essa razão, existe uma distinção nítida entre sujeito e pesquisador, pois ambos se envolvem na situação de entrevista com distintos interesses e conseqüentemente com distintas contribuições a oferecer. Esse tipo de abordagem na entrevista valorizou a presença do investigador além de

permitir perspectivas possíveis para que o sujeito alcançasse a liberdade e a espontaneidade necessárias para expor sua história. Desse modo a entrevista semi-estruturada se transformou em um diálogo vivo, do qual participaram duas pessoas com objetivos diferentes.

De acordo com Bourdieu (1999) os pesquisados mais carentes usam essa circunstância para se fazer ouvir, levar para os outros sua experiência e chegando às vezes há ser um momento para eles se elucidarem, isto é, construírem seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo. Muitas das vezes são discursos densos, intensos e dolorosos que proporcionam um alívio ao pesquisado. Alívio por falar bem como de refletir sobre um assunto que talvez os sobrepujem. Neste caso pode-se até dizer que seja uma auto-análise provocada e acompanhada

Na psicodinâmica do trabalho a entrevista é compreendida como uma técnica de coleta de dados centralizada na relação “pesquisadores-pesquisados” e no processo de fala-escuta dos conteúdos manifestos e ocultos em relação à organização do trabalho, às vivências de prazer-sofrimento, às mediações, e aos processos de subjetivação e de saúde-adoecimento (Mendes, 2007b).

Ainda nessa abordagem as entrevistas devem ser gravadas e transcritas na íntegra considerando que a fala do sujeito é o dado essencial para apreensão do objeto e para a interpretação dos dados (Mendes, 2007b). O roteiro de entrevista semi-estruturada utilizado foi elaborado pela pesquisadora a fim de explorar os temas desse trabalho. O questionário visava abranger dois momentos da vida profissional da entrevistada: o antes e o depois da readaptação funcional e a relação desses dois momentos com a identificação profissional. Como roteiro semi-estruturado, outras perguntas foram inseridas ao longo das entrevistas que não constam aqui.

Abaixo o roteiro que orientou as entrevistas:

- a) Fale um pouco sobre a história da sua escolha profissional.
- b) Como era o seu trabalho como professora regente?
- c) Fale-me sobre o seu trabalho atual.
- d) Como se deu a sua readaptação funcional.
- e) Existem diferenças entre o que fazia antes e o que faz agora?
Quais?

A entrevista foi gravada mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual esclarecia os objetivos da pesquisa além dos termos que garantem o sigilo das informações prestadas e o caráter voluntário de participação do sujeito, que podia se retirar do estudo a qualquer momento sem nenhum prejuízo.

4.3 Procedimentos

Foram feitos contatos com o Sindicato dos Professores do Distrito Federal em que ocorre uma ação semanal voltada para o público de professores em situação de readaptação funcional para a captação de voluntários. Em conversa com a psicóloga responsável pela manutenção da atividade já citada foi apresentada a proposta de pesquisa e solicitou-se a divulgação desta para recrutar voluntários. A professora já apresentada neste trabalho se disponibilizou e forneceu seu telefone para a psicóloga passar para a pesquisadora, que entrou em contato com ela.

Assim foi marcado o primeiro contato para apresentar a proposta da pesquisa para Lucia, além dos aspectos éticos envolvidos como a garantia do sigilo e o caráter voluntário de sua participação. A entrevista foi realizada em um ambiente tranquilo, silencioso, confortável, com boa luminosidade, e estavam no ambiente somente a pesquisadora e a docente. Antes de iniciar a entrevista foi apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido em duas vias, uma para o sujeito e uma para a pesquisadora, que foi assinada por ambas.

Durante a entrevista buscou-se promover um ambiente de tranquilidade em que as questões se encadeassem de maneira natural e teve duração aproximada de 01h30min. A entrevista foi gravada com a permissão da entrevistada e depois transcrita. Além da gravação, a pesquisadora realizou registro escrito após o procedimento para documentar suas impressões sobre o processo em si.

4.4. Análise de Dados

A entrevista transcrita foi submetida à Análise Clínica do Trabalho. Essa técnica de análise é uma das três etapas que compõe a Clínica do Trabalho, procedimento de pesquisa e ação em Psicodinâmica do Trabalho, conforme descrito por Mendes e Araujo (2012). Consiste em uma análise de conteúdo com categorias pré-estabelecidas e que tem base na qualidade e no significado do discurso buscando a organização do material coletado. A Análise Clínica do Trabalho divide o conteúdo em três eixos categoriais compostos por diversos temas cada. Na pesquisa presente, os dados serão apresentados nos três eixos duas vezes: a primeira representando o momento anterior à readaptação funcional e a segunda representando o quadro atual.

Os três eixos da Análise Clínica do Trabalho são 1) Organização do trabalho prescrito e o real do trabalho, com os temas Tipos de tarefas; Divisão do trabalho; Normas e regras; Tempo e ritmos; Exigências técnicas; Relações com pares, chefias e clientes; Estilo de gestão;

Responsabilidades e riscos; 2) Mobilização subjetiva que abarca o Sofrimento criativo;

Inteligência prática; Espaço de discussão; Cooperação; Reconhecimento e 3) Sofrimento, Defesas e Patologias, eixo que contempla os temas de Sofrimento patogênico; Estratégias de defesa individuais; Estratégias de defesa coletivas; Tipos de patologias; Danos físicos e psicossociais. No capítulo seguinte os resultados são apresentados em tabelas de acordo com os eixos propostos por Mendes e Araujo (2012) nesta técnica.

CAPÍTULO 5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados em duas partes: a primeira é referente à psicodinâmica do trabalho docente, ou seja, antes da readaptação funcional – organização do trabalho e suas relações com sofrimento-prazer no trabalho; a segunda diz respeito à psicodinâmica do trabalho do professor readaptado. Esses dados são apresentados nessa seção em três eixos categoriais-temáticos cada parte.

O primeiro eixo é a Organização do Trabalho que engloba os temas “tipos de tarefas”, “divisão do trabalho”, “Normas e regras”, “tempos e ritmos”, “relações com pares, clientes e chefia”, “estilo de gestão”, “responsabilidades e riscos”. O segundo eixo representa a Mobilização Subjetiva e os temas que o compõe de acordo com o discurso do sujeito são “sofrimento criativo”, “inteligência prática”, “espaço de discussão” e “reconhecimento”. O terceiro eixo, “Sofrimento, Defesas e Patologias” aborda os temas “sofrimento patogênico”, “estratégias de defesa individuais”, “tipos de patologias” e “danos físicos e psicossociais”.

5.1. Psicodinâmica do Trabalho antes da Readaptação Funcional

Esta seção apresenta as características do trabalho para o sujeito enquanto ainda exercia a docência, diz respeito à dinâmica de seu trabalho até o momento da readaptação, retratando as características das tarefas desempenhadas, a divisão social e temporal do trabalho, as normas que determinavam a execução do trabalho, o tipo de gestão existente com relação à função docente e as relações socioprofissionais, além das vivências de sofrimento e prazer possibilitadas ou interdidas pela organização do trabalho vigente à época.

5.1.1. Eixo I: Organização do Trabalho

Os temas que mais retrataram a organização do trabalho antes da readaptação funcional no caso dessa professora foram os “tipos de tarefas”, “tempos e ritmos”, “relações com pares e chefias” e “responsabilidades e riscos”.

TRABALHO DOCENTE, READAPTAÇÃO FUNCIONAL E IDENTIDADE

Quadro 1a – Organização do Trabalho antes da Readaptação Funcional

Temas	Verbalizações
Tipos de tarefas	<p><i>“Sim, na fundação. de tudo quanto é jeito. Já trabalhei com EJA, já trabalhei de creche a EJA. Já fui professora substituta nas séries finais do ensino fundamental, o que é outra realidade, né, as séries finais. mas sempre assim, é isso”.</i></p>
Tempo e ritmos	<p><i>“Ah! Eu pensei ah, deve ser alguma coisa de excesso de trabalho mesmo (...) Assim, que eu levava coisa para casa. Como sempre. Trabalhos para corrigir. Sempre trabalhei 40 horas desde que eu entrei, né. mas...”</i></p> <p><i>“é... e aí quando no começo. porque também nesse período eu entrei em 1993, em 1994 eu entrei na universidade e trabalhava e estudava. Depois eu consegui um afastamento para estudos e então eu estudava o dia todo, trabalhava à noite e mais neste período que fiquei na universidade, cinco anos, de 1994 a 1999, eu também tive os meus três filhos e então foi juntando uma carga, né, bastante pesada.”</i></p>
Relações com pares, Chefias e clientes.	<p><i>“Nossa”! Era tão bom. Outro dia, eu mexendo nas minhas coisas lá, eu achei um monte de cartinhas, que eu ainda guardava de quanto eu entrei de 1993, né. Já diziam este tipo de coisa, né. Então assim, eu danei a chorar, chorar. Acho que, de repente, eu contribuo para alguma coisa. Mas era muito bom, né.”</i></p>
Responsabilidade eriscos	<p><i>“Eu tive um problema com uma criança que estava sendo abusada e a gente, de três anos, e eu fui dar o encaminhamento, enfim, acabei doecendo, porque eu entrei em pânico, entrei em depressão, por conta, assim, eu penso que seja pela minhaimpotência. Eu fico abalada por conta disso, né”.</i></p>

Neste eixo a professora identifica que seu trabalho enquanto em sala de aula era bastante diverso, sendo responsável não só por lecionar como também por preparar as aulas, elaborar tarefas para os alunos, realizar atividades avaliativas em diversos níveis educacionais. A participante afirma que apesar da carga horária

prescrita ser atribuída como 40 horas, costumava levar trabalho para casa, configurando um excesso. A existência de uma tripla jornada pode ser notada: além do trabalho na escola que tinha de ser levado para fora do expediente, também havia a jornada de estudos e a de mãe.

As relações com pares chefia e clientes destaca especialmente a relação com os alunos, revelando-se como um relacionamento importante para que a profissional sentisse que seu trabalho era dotado de sentido. Na relação com a chefia é destacado um posicionamento da direção da escola com relação ao adoecimento da professora. Notando seu estado de saúde, a gestora mostrou apoio e suporte à profissional, fato que ela retrata como importante no seu processo de saúde-adoecimento.

Entre as responsabilidades e riscos do trabalho em sala de aula está citado o manejo de situações envolvendo alunos em vulnerabilidade, como no caso que a professora relata sobre uma criança que estava sofrendo abuso. Ao estar em sala de aula, em contato constante e próximo com os estudantes, a professora afirma testemunhar casos de violências como essa cotidianamente, para a qual não tem preparo ou formação específica para lidar. Como consequência, a professora cita o sentimento de impotência que chega à depressão.

5.1.2. Eixo II: Mobilização Subjetiva

Neste eixo são encontrados poucos conteúdos, sendo difícil explorar no discurso do sujeito os elementos constituintes da Mobilização Subjetiva como o uso da inteligência prática e o espaço de discussão pública no trabalho. As memórias do prazer no trabalho antes da readaptação funcional trazem conteúdos especialmente vinculados aos temas do sofrimento criativo e do reconhecimento.

A partir dos imponderáveis da vida escolar, de situações que demandam um novo repertório dos professores, a professora relata como estratégia a busca de mais qualificação formal, como uma pós-graduação, conforme a fala a seguir:

“... é sou muito determinada, quando eu, quando eu consegui o afastamento para estudos, eu fui à escola levar um atestado médico da minha gravidez de alto risco e vi lá o bilhete dizendo que quem se interessasse que ia a tal

lugar para se inscrever e tal. E eu de licença médica disse, gente eu vou lá ver como que é isso que eu só ouço falar (a pós-graduação).”

Todos esses investimentos no exercício da profissão parecem ganhar sentido quando a professora se sentia reconhecida em sala de aula pelos estudantes, o que a levava a crer que sua contribuição como docente agregava valor ao mundo, pela formação dos estudantes. Essa relação aparece como extremamente importante na experiência do prazer no trabalho dentro de sala de aula, e aparece como motor para a busca de formação adicional, de novas estratégias para lidar com os imprevistos.

Contudo, é nessa mesma relação que se encontra o cerne do sofrimento patológico e o adoecimento. A dificuldade em reconhecer até que ponto vai à contribuição do professor nessa relação professor-aluno é vista como meio de acesso à impotência humana, como visto na seguinte fala:

“Eu tive um problema com uma criança que estava sendo abusada e a gente, de três anos, e eu fui dar o encaminhamento, enfim, acabei adoecendo, porque eu entrei em pânico, entrei em depressão, por conta, assim, eu penso que seja pela minhaimpotência. Eu fico abalada por conta disso, né”.

A impotência, experimentada como depressão, é uma das patologias que surgia enquanto professora docente, conforme será abordado no eixo a seguir.

5.1.3. Eixo III: Sofrimento, Defesas e Patologias.

Neste eixo os temas que são tratados são o “sofrimento patológico”, “estratégias de defesas individuais”, “tipos de patologias” e “danos físicos e psicossociais”.

Quadro 2a – Sofrimento, Defesas e Patologias antes da Readaptação Funcional.

Temas	Verbalizações
Sufrimento Patológico	<i>“E isso é que acabou comigo assim. Porque tive que parar. No começo eu me sentia uma morta viva. E por isso eu quis morrer. Falei assim, tá morto vivo, então eu</i>

	<i>quero morrer logo de vez.”</i>
Estratégias de defesas individuais.	<i>“Pois é, principalmente esta questão né. assim, acho que eu comecei a, talvez, a me valorizar mais. Assim, porque antes eu tinha muita compulsão, a opinião dos outros é que era importante para mim. Então assim, eu gastava, gastava, gastava sem poder. Ai colocava isso e aquilo outro e ninguém falavam um ‘a’. Eu não tinha como pagar e também eu começava a não gostar, dava coisa que nunca usei, então assim, eu queria que alguém falasse alguma coisa, como ninguém falava nada, ou ao contrário, ou ficava, já comprou de novo, para que isso ficou feio, não está legal. não sei o que. a aí, isso me derrubava. Hoje em dia não. hoje eu já tenho mais este controle.”</i>
Tipos de patologias	<i>“Quando eu fiquei sem andar da terceira vez, meu médico do Sarah falou assim: se você só tem uma chance para não ter que fazer esta cirurgia na coluna. Porque, desde primeiro dia que eu ia, os médicos falavam o seguinte, você pode fazer uma cirurgia para colocar uns pinos aí, mas nesta cirurgia você já tem noventa por cento de chance de ficar paraplégica. Então, todos eles falam, nós preferimos não arriscar. (...) Meu remédio é à base de morfina”.</i>
Danos físicos e psicossociais.	<i>“Eu vivia mais adoentada psicologicamente. Eu passei muito tempo de licença médica por conta da depressão. Tentei suicídio. Né! Então a minha diretora na época ela falou assim: “não vou deixar você ficar assim.Vou ver o que eu posso conseguir para você”. Foi quando ela conseguiu para eu ir para essa escola que eu estou hoje (...).”</i>

Perante a constatação de que não era onipotente na relação professor-aluno, surge o sofrimento patológico, uma experiência que paralisa o sujeito que chega a relatar o sentimento de estar “morta viva” e que sendo assim preferia morrer, fazendo alusão à ideação e ao comportamento suicida.

As estratégias de defesa identificadas são individuais e ao longo do tempo se mostraram desadaptativas: o comportamento compulsivo de compras de adereços para si com vistas a agradar o outro acabou por tornar-se mais uma fonte de conflito com o outro, deixando o sujeito ainda mais desamparado, sentindo-se isolada dos outros.

Os principais danos relatados são o físico e o psicológico, com a necessidade do uso de medicações. Na esfera psíquica, os sintomas depressivos se destacavam, assim como a ideação e comportamento suicida. Os sentimentos de esvaziamento de sentido, tristeza, perda de interesse na vida, desejo de viver eram característicos da época em que trabalhava em sala de aula, retornando novamente à questão da dificuldade de lidar com a não onipotência do professor em sala de aula.

Ressalta-se ainda que os conteúdos trazidos sobre o trabalho antes da readaptação funcional foram de difícil acesso e claramente apareceram em menor quantidade quando comparados aos relacionados ao trabalho presente, na readaptação funcional, apresentados a seguir. É importante também que surgiram diluídos no discurso, sempre em contraste com a situação atual de trabalho do sujeito a abordados com sentimento de nostalgia e até certo pesar.

5.2. Psicodinâmica do Trabalho na Readaptação Funcional

Esta seção apresenta as características do trabalho para o sujeito na situação de Readaptação Funcional e diz respeito à dinâmica estabelecida a partir da publicação da Súmula e do Rol de Atribuições do sujeito, retratando as novas características das tarefas desempenhadas, a divisão social e temporal do trabalho, as normas que determinam a execução do trabalho, o tipo de gestão existente com relação ao novo posto de trabalho e as relações socioprofissionais, além das vivências de sofrimento e prazer no contexto da organização do trabalho atual.

5.2.1. Eixo I: Organização do Trabalho

Neste eixo foram abordados os temas “tipos de tarefas”, “divisão do trabalho”, “tempos e ritmos”, “relações com pares, chefias e clientes” e “estilo de gestão”.

Quadro 1b – Organização do Trabalho Após Readaptação Funcional

Temas	Verbalizações
--------------	----------------------

TRABALHO DOCENTE, READAPTAÇÃO FUNCIONAL E IDENTIDADE

Tipos de tarefas	<p><i>“é... atualmente, eu sou assistente técnico pedagógico, o quer dizer que o que precisa fazer na escola que estiver ao meu alcance eu faço, o diretor passa pra mim”.</i></p>
Divisão do trabalho	<p><i>“... mas, se for pedagógica eu envolvo, se for um pouco administrativo também, reuniões que eu possa ir, quem vai sou eu, é, né, às vezes ele, fica na escola resolvendo alguma coisa, e eu vou às reuniões. Toda esta parte de sindicais, de, de... eu também me envolvo. Eu sempre fui muito elétrica, muito apegada às crianças e quanto fui readaptada foi exatamente por conta deste meu problema de coluna, que eu tenho escorregamento de vértebra”.</i></p>
Normas e regras	<p><i>“é...inclusive, hoje, especificamente, estou de licença médica porque nessa coisa de resolver um monte de coisas ao mesmo tempo, eu tenho que subir numa escada diariamente, constantemente, muitas vezes por dia e eu tenho um problema no joelho e atingiu o meu joelho e a coluna”.</i></p>
Tempo e ritmos	<p><i>“Não reduziu. Eles não reduzem (a carga horária). É até uma reivindicação da gente, que assim, que o readaptado pudesse ficar mais próximo da sua casa, pudesse ser uma carga menor. Vamos dizer assim, receber 40, mas trabalhar 30 horas, ou fazer horário corrido. Alguma coisa assim”.</i></p>
Relações com pares, Chefias e Clientes.	<p><i>“Já estava lá (na mesma escola) há oito anos. Então, esse também é um dos problemas. Você está há muito tempo. As pessoas te veem de uma forma. Quando você adoece, que aí você tem outras atitudes, as pessoas começam a te ver de outra forma”.</i></p> <p><i>“São poucas as que te entendem, que te apoiam. Graças a Deus eu tive sorte de que as que me compreendiam melhor eram as que estavam à frente da coisa. Então, a equipe de direção foi a que mais me compreendia. Assim foi. Se não tivesse sido por elas eu não sei. Eu não teria conseguido não. e atualmente também. Essa equipe é bem compreensiva. Por exemplo, eu estou aqui hoje pensando. Ai meu Deus o trabalho que eu já vinha fazendo algum tempo, né, eu tenho que entregar e tal. Eu estou preocupada, mas se eu ligar agora pro meu diretor e falar assim, ó, eu estou aqui de licença, mas estou preocupada. Ele diz: não, não esquenta a cabeça não, que a gente aqui vai dar um jeito, relaxa, esquece, vai”... Né... Eles são bem gente boa.</i></p>

	<p><i>“... demorou um pouquinho, mas né. ah, eu vou ter que ficar me matando porque, pra que. o que eu vou ganhar com isso. ficar mais doente. então agora eu já... por exemplo. tem diretores que não querem liberar seus funcionários para irem lá ao atendimento do sindicato dos professores, na quinta de manhã. eu já falei. eu falei olha, se o diretor começar a encrencar, eu sinto muito para ele, eu vou e acabou. porque é para mim, né. tem colegas que falam assim: masvocê vai gastar seu combustível daqui até o plano, toda quinta, pegar engarrafamento, não sei o que. eu falei, para mim, eu nunca fiz nada para mim, né. não estou nem aí se eu gastar 30 reais sabe lá, 40 reais. passar raiva no trânsito, mas quando eu chego lá me sinto bem. vejo as pessoas que eu gosto.”</i></p> <p><i>Exato! E amanhã e/ou vou trocar estes atestados que é para o joelho e a coluna. Eu estou morrendo de medo. Falei assim, eles vão me ameaçar de novo amanhã. Só que em outros tempos, eu a essa hora já estava com diarreia, com a pressão mudando, querendo vomitar, né. Eu estou tranquila. e nunca mais eles me ameaçaram. Não sei se é porque eles sabem que eu estou fazendo esse acompanhamento no sindicato, não sei...</i></p> <p><i>“ainda porque, tinha uma questão psicológica no NAMO, no atendimento lá, aonde a gente vai trocar atestados, que eles ficavam o tempo todo te ameaçando: “se você chegar aqui com mais um atestado da coluna, nós vamos te aposentar na hora. eles aposentam!”</i></p>
<p>Estilo de gestão.</p>	<p><i>“Não, é fora da sala de aula já com uma função na escola. Para a diretora ficar avaliando como é que seria a minha reação fora de sala. Minha avaliação, eu pessoalmente, é muito difícil isso, porque, assim, toda você tem que ficar dando explicação. Os alunos estão lhe vendo, ué tia, o que houve? Porque que você está aqui? Porque que você não está lá com a gente? Isso é um período muito desgastante”.</i></p>

Os tipos de tarefa realizados como professora readaptada é de todo tipo, não havendo uma função específica desempenhada, havendo envolvimento em todo tipo de atividade que se relaciona com o seu novo cargo de “assistente técnico pedagógico”. Contudo, as novas atividades exigem esforço físico da professora, uma vez que realiza diversas e não tem um espaço específico onde essas atividades

TRABALHO DOCENTE, READAPTAÇÃO FUNCIONAL E IDENTIDADE

ocorrem. A carga horária também não foi reduzida, o que se apresenta como uma reivindicação com relação a nova organização do trabalho.

As relações socioprofissionais que se tornam destaque na nova organização do trabalho são as com os colegas e com a chefia. A compreensão por parte desses se revela importante especialmente perante as ameaças de aposentadoria por parte do serviço de perícia. A relação com os alunos, que era de grande importância na constituição do trabalho em sala de aula sai de cena após a readaptação.

5.2.2.Eixo II: Mobilização Subjetiva

Neste Eixo os temas presentes são o “reconhecimento”, “espaço de discussão” e a “cooperação”.

Quadro 2b – Mobilização Subjetiva após a Readaptação Funcional

Temas	Verbalizações
Reconhecimento	<i>“Eu quero é ser professora. né! eu gosto dessa proximidade com as crianças, né. assim. as colegas nesta escola, aonde foram readaptadas, elas falavam assim que o meu problema era ser muito mãezona. você ensinar ser mãe, não professora. você é muito mãezona. você pega um menino no colo, você dá beijo, você abraça, você chora pelo sofrimento dos meninos. eu falei gente, mas o menino já vem de uma vida terrível, chega aqui procurando um abrigo, um apoio, eu vou ainda afirmar a condição do pobre. Por quê? tem que maltratar a criança porque, né. então aí... e por isso eu sofro muito com as situações. porque eu me envolvo mesmo.”</i>
Espaço de Discussão	<i>“Eu acho que é isso que quando a gente adoce e é readaptado derruba a gente. Porque, a vida da gente é o trabalho. E quando de alguma forma você tem que se distanciar um pouco do trabalho, ou mudar este trabalho, você é profundamente afetado, né! é... Penso, também, que não estou pior por conta deste acompanhamento lá no sindicato com uma psicóloga. Ela tem um grupo que vai à escola, as escolas que solicitam, mas especificamente, nós readaptados temos um atendimento lá às quintas-feiras. Pelo período da manhã, o que é muito bom. Isso ajuda a gente, ajuda muito, muito mesmo”..</i>
Cooperação	<i>“Essa equipe é bem compreensiva. Por exemplo, eu estou aqui hoje pensando. Ai meu Deus o trabalho que eu já vinha fazendo algum tempo, né, eu tenho que entregar e tal. Eu estou preocupada, mas se eu ligar agora pro meu diretor e falar assim, ó, eu estou aqui de licença, mas estou</i>

	<i>preocupada. Ele, não Lúcia não esquenta a cabeça não, que a gente aqui vai dar um jeito, relaxa, esquece, vai... Né... Eles são bem gente boa”.</i>
--	--

Nota-se que o reconhecimento, diferente de antes da readaptação funcional, é proferido especialmente nas relações com pares e chefia, e um espaço criado para compartilhamento de experiências com professores readaptados também se mostra como alternativa importante para a manutenção da mobilização individual e coletiva. Para suprir as lacunas deixadas pela ausência do contato com os alunos em sala de aula, opções fora da escola se apresentam ao sujeito como maneira de não perder o vínculo com sua formação profissional, como na fala a seguir:

“Hoje, e tem isso, eu não consigo me afastar de nada assim, por exemplo, não estou em sala de aula, mas eu tenho envolvimento com um grupo da igreja que é de adolescente de 11 a 14 anos (...). Porque eu fico pensando... Meu Deus do céu, eu não tenho contato com essa meninada acho que eu morro. e eu falo para os meus filhos, parece que esta meninada que tenho contato gosta mais de mim do que vocês. Porque eles falam isso. Eles falam ‘tia, eu te amo’,’ não sei o que... A senhora é isso, a senhora é aquilo’. Inclusive eles (os filhos) ficam até com ciúme: ‘ ah, a mamãe gosta mais dos alunos dela, dos da igreja, do que da gente’. No começo do ano, que não estava ainda com o grupo certinho eu quis entrar em depressão pensando nisso: ‘meu Deus, o que eu vou fazer da minha vida agora?’ Esse contato com esta meninada, né. Eu sou muito gaiata e eles morrem de rir, as palhaçadas”.

A relação professor-aluno aparecia como tão determinante antes da readaptação que o sujeito opta por manter um espaço fora da escola em que possa reproduzir o exercício da função que ficou restrita de executar de maneira profissional por causa das limitações.

5.2.3. Eixo III: Sofrimento, Defesas e Patologias

Este eixo trata das questões do “sofrimento patogênico”, “estratégias de defesa” e “tipos de patologias e danos físicos, psicológicos e sociais”.

Perante as alterações na organização do trabalho, o sofrimento patogênico e as patologias surgem extremamente atreladas ao medo da aposentadoria por invalidez e à falta de possibilidades de exercer a função para a qual se formou e buscou emprego. Após a readaptação, embora os sintomas físicos possam ceder caso sejam respeitadas as condições de trabalho, os sintomas psíquicos reaparecem relacionados a outras questões como o medo da perda do emprego e a insegurança com relação à própria capacidade laboral. As estratégias permanecem individualizadas dentro da escola, porém o espaço de discussão com outros readaptados proporcionado pelo sindicato da categoria apresenta importante papel para a mobilização de um coletivo de readaptados, fora do ambiente de trabalho, e consequentemente dentro dele.

Quadro 3b –Sofrimento, Defesas e Patologias após a Readaptação Funcional.

Temas	Verbalizações
Sofrimento Patogênico	<p><i>“Então, eu pessoalmente cheguei a uma conclusão, que é um grau tão alto de frustração que você adoeece. você fica verdadeiramente impotente. e aí você adoeece. então eu acho que outros órgãos, inclusive outros órgãos federais, a pessoa tem problema grave, automaticamente é aposentada integralmente. só a gente que tem que ficar nessa. nessa humilhação.</i></p> <p><i>“já fiquei sem andar três vezes e tive que sair imediatamente de sala e aí entrei numa depressão, depois da depressão veio o pânico e eles queriam me aposentar de qualquer forma e eu corri atrás para não ser aposentada e foi então que eles resolveram me adaptar. Até eu tenho essas, como é que se diz... Estes reflexos aí. Por exemplo, no ano passado eu fiquei. Eu cuidava da parte da creche. Porque na escola aonde eu trabalho é de creche de 2/3 anos até o quinto ano do ensino fundamental”.</i></p> <p><i>“E aí, não vê também que a questão do... Ela tira muito atestado por conta de depressão e pânico.”</i></p>
Estratégias de defesas individuais.	<p><i>“Porque a gente não imagina que a gente vai ter alta. Na nossa cabeça é assim, vou ter alta, vou voltar para a minha sala. E aí não, não. Você vai ficar neste</i></p>

	<p><i>processo.”</i></p> <p><i>“Ah, eu às vezes fico pensando assim. Será que eu posso ficar assim um pouquinho. Falo para o professor que eu quero ajudar, mas aí lá vem essa questão, que lhe digo, do perfeccionismo. Não posso, porque, senão eu vou prejudicar o chefe. Risos. Aí, vão falar assim, o que a Lúcia está fazendo se ela não pode. O chefe deixou, então vão para cima dele. Melhor deixar quieto.”</i></p> <p><i>“É. Eu gosto muito assim, mas eu estou começando... Outro dia eu falei para o meu marido, vamos adotar um bebê, porque eu quero um bebezinho. Ele falou assim, tu estás é doida, não dá conta de cuidar nem de ti, como é que você fazer. Falei nossos filhos, daqui a pouco, vão dar, são netos. Deixa-os para lá, deixa quieto. Não, vai. Aí sim, eu penso assim, se eu aposentar eu iria viver, eu ia viajar, penso nisso, falo, aí sim, tentar tirar o atraso”.</i></p> <p><i>“É. Assim, para mim, para mim, para mim mesmo. Tanto que ninguém anda no meu carro. Meu marido quer pegar, não, eu não deixo. É meu!”</i></p>
<p>Tipos de patologias/ Danos físicos e psicossociais.</p>	<p><i>“Eles deram essa que é uma espondilolistese. que eles chamam de, no linguajar deles, diz que é um escorregamento de vértebra. É um desgaste nas vértebras que vão desalinhando. E aí é, fisga nervo, né, a medula pode ser atingida. e, por incrível que pareça no mamô, um médico que não me lembro de quem foi ele falou assim, olha, o seu problema pode ter sido pelo trabalho também. Só que como eu não tenho registro nenhum, nem você e nem nós podemos fazer nada. Por assim todo eles perguntaram, você não sofreu acidente? Não é possível você estar andando com esta coluna igual você está. a gente vê que pela sua ressonância um caminhão passou por cima de você. eu falei. gente eu nunca sofri nada. nunca tive nada. eu fui ginasta, mas eu nunca tive nenhuma queda grave. nem pequena que justificasse. nunca tive nada. especificamente pela coluna e porque eu tenho degeneração da patela dos dois joelhos. então, a questão física. foi essa questão física que depois desencadeou mesmo esta questão psicológica. que verdade eu já tinha depois de tantas andanças por aí, terapias, eu descobri que já tinha uns sintomas desde criança, mas que isso foi assim o ponto que fez culminar essa depressão e esse pânico”.</i></p> <p><i>“É, foi. Que eu falei. Pronto, minha vida acabou. Porque lá nas minhas restrições tem exatamente assim, a professora não pode escrever em quadro negro, digitar, não pode ficar muito tempo em pé, não pode ficar muito tempo sentada, não pode andar muito, não pode subir escadas, não pode passar por situações de estresse. Eu falei gente eu sirvo para que? Para mais nada. Eu acho, que por aquilo ali, é por isso que eles queriam me aposentar. Então assim, o ambiente escolar para mim, de acordo com aquilo ali, não serviria mais.”</i></p>

	<p><i>“Me dizem: você não pode ficar sem psiquiatra, porque a medida que você tem nervoso, passa por situação, esta coluna toda vai doer. Você corre sérios riscos de ficar sem andar. então você tem ser acompanhada, tem que ter este sistema nervoso controlado o tempo todo”</i></p>
--	--

A dúvida, a incerteza e a perda da confiança em si mesmo são características do período de entrada na readaptação de acordo com o discurso da entrevistada e o receio de ser aposentada por invalidez permanece junto com os questionamentos a si mesmo sobre sua capacidade e conseqüentemente qual sua contribuição para o mundo. Em uma das falas, a professora afirma que uma de suas restrições laborais é a exposição à situações estressantes no trabalho, contudo a própria situação de professora readaptada funcionalmente é um fator que causa angústia e sofrimento. Sua condição de readaptação funcional se torna muitas vezes fator de estresse.

Da Docência à Readaptação Funcional

Não podemos deixar de ressaltar que o conflito profissional da docente encontra-se na organização do trabalho que se relaciona com os pensamentos de Taylor tem grande influência na Educação, conforme afirma Shiroma (2007). Esse tipo de sistema tem contribuído para o adoecimento dos docentes e para a precarização da Educação.

Os processos de saúde-doença dos trabalhadores são abarcados de distintas maneiras e tal variabilidade relaciona-se aos diversos enfoques e perspectivas teóricas adotadas na área de Saúde e Trabalho. Para Dejours (1992) o processo de adoecimento dos trabalhadores está intimamente ligado ao sofrimento no trabalho, que por sua vez, está relacionado com a organização do trabalho e conteúdo da tarefa: [...] “quanto mais à organização do trabalho é rígida, mais a divisão do trabalho é acentuada, menor é o conteúdo significativo do trabalho e menores são as possibilidades de mudá-lo. Correlativamente, o sofrimento aumenta” (Dejours, 1992, p. 52). No caso do exercício da docência, nota-se que o contato com os alunos é muitas vezes fator extenuante para a realização de tarefas.

A readaptação funcional surge como proposta de aproveitar as capacidades de um trabalhador que sofre com limitações laborais em decorrência do exercício da função ou não, contudo, de acordo com estudos, a Readaptação funcional tem exposto os sujeitos à situação de preconceito diante dos colegas em função da redução ou perda de sua capacidade laboral para uma determinada função. De maneira geral, as pesquisas e estudos indicam a importância de considerarmos o processo saúde-doença que é estabelecido no trabalho, espaço de constituição da história individual e de identidade social.

A partir dos dados apresentados no estudo de caso, bem como das análises realizadas no decorrer deste estudo, pretendemos, neste momento, analisarmos de forma mais plena e sistemática os resultados desta pesquisa considerando o objetivo deste trabalho: analisar o impacto e suas implicações no processo de reabilitação profissional na identidade e subjetividade do professor da rede pública do Distrito Federal.

A percepção negativa sobre a readaptação funcional por parte não só dos próprios docentes como por parte da chefia e dos colegas, dentre outros fatores, como a dificuldade de se saber o que se deve fazer com esses docentes, tem levado os gestores das escolas, muitas das vezes, à desconsideração dos limites necessários às atividades dos professores readaptados, deixando-os em posições ora de isolamento e subemprego de suas capacidades, ora de sobrecarga, atribuindo toda função que sobra na escola a esses profissionais.

Averiguamos que os problemas apresentados pela docente readaptada decorrem da indefinição de tarefas, o que concorre com suas limitações, colocando o sujeito em uma posição de vulnerabilidade em relação a preservação de sua saúde. Essa falta de definição também dificulta a integração com os outros profissionais assim como o reconhecimento de seu trabalho, gerando um sentimento de isolamento do grupo de trabalho.

É pertinente destacar que a psicodinâmica do trabalho situa o trabalho em um território que pode dar origem a processos de alienação e mesmo de descompensação psíquica. Nesse sentido percebemos que a mudança de organização do trabalho, apesar de retirar o sujeito das situações que o levaram a crise, suscita novos tipos de sofrimento, muitas vezes expondo o sujeito a riscos psicossociais no trabalho.

Como afirma Cunha (2006, p.486) o docente é um sujeito ativo. Portanto, a condição da profissionalidade é fundamental para a construção da identidade do profissional docente. O trabalho docente abrange tanto os sujeitos nas suas complexas dimensões, experiências e identidades quanto às condições em que as atividades são realizadas no ambiente escolar. A relação com os alunos se mostra fundamental na constituição e manutenção dessa identidade (Teske, 2008).

Para Dejours (1997), saúde e prazer no trabalho estariam na probabilidade do sujeito negociar com a organização prescrita do trabalho seu registro no campo do trabalho real, pois o real do trabalho é aquilo que se faz distinguir por sua resistência ao domínio técnico e ao conhecimento científico. Nesse sentido, a relação com os alunos, de acordo com o discurso da professora, se mostra fundamental tanto para seu adoecimento quanto para seu prazer. O caráter dessa relação é ambivalente, evocando sentimentos de impotência ao perceber que não pode acolher os alunos como desejaria, e de identificação e orgulho da profissão quando se sente reconhecida pelos estudantes.

Com a readaptação funcional, a relação com alunos sai de cena e a que resta é a com pares e chefia. Contudo, essa relação após a readaptação é de preconceito, causando predominantemente sofrimento. Dejours (1999b) tem ciência de que o julgamento dos pares é o mais severo e crítico. Consideramos que reconhecimento do outro como um fator de relacionamento social e necessidades retratam o trama vivido e referendado na fala da professora Lúcia configurando um sofrimento diferente desde a readaptação.

Vale ressaltar ainda que o reconhecimento é uma maneira específica de retribuição psicológica da identidade na organização do trabalho. No campo das relações mediatizadas pelo trabalho, o reconhecimento é a configuração eleita de bonificação das expectativas do sujeito, no que se refere à realização de si (Dejours, 1993). A maioria dos docentes expressa a contentamento em poder realizar atividades em sala de aula, além de caracterizarem a produção social do trabalho como sua fonte de prazer e sentido. Isso também se reproduz com Lucia, o que explicaria sua dificuldade de após a readaptação se sentir pertencente a algum grupo na escola, e dessa forma, ser reconhecida.

TRABALHO DOCENTE, READAPTAÇÃO FUNCIONAL E IDENTIDADE

Vale notar que identidade profissional não é estável, inerente, ou fixa. É fruto de um intrincado e dinâmico equilíbrio onde a própria imagem como profissional tem que se acomodar-se com uma variedade de papéis que os docentes sentem que devem desempenhar. Compreender a identidade profissional do professor está diretamente ligada também ao reconhecimento social da sua profissão. Ao analisarmos a fala da professora percebemos que há uma articulação existente entre identidade e trabalho e o papel que este vem ocupando na constituição do eu, a partir de uma concepção de natureza humana na qual esta aparece inserida no mundo das relações sociais.

Com a perda da possibilidade de exercer a função docente, nota-se também que aos poucos a identidade vai sendo fragilizada. A perda do contato com os alunos, que representava tensão, mas também a possibilidade do reconhecimento, é um ponto de corte na manutenção da identidade. Tendo se inserido no ambiente escolar como docente, a passagem para a função administrativo-pedagógica marca uma perda da relação com os alunos e a mudança na relação com colegas e chefia, não havendo mais um grupo em que a professora se sinta inserida.

É fundamental ressaltar que o espaço de discussão do Sindicato dos Professores citado pela professora tem contribuído para a reestruturação da identidade dos docentes, pois como afirma a Psicodinâmica do Trabalho, é um local que propõe uma atividade de escuta atenta à fala. Não só a fala individual, mas principalmente a coletiva. Esse espaço reservado para professores readaptados promove a possibilidade do reconhecimento pelos pares, uma vez que compartilham de organização do trabalho semelhantes, além de terem passado por processos parecidos até a readaptação funcional. Na fala da professora, esse espaço aparece como a possibilidade de legitimar suas vivências e assim, reconstruir sua identidade.

Dessa maneira, compreende-se a partir do relato da professora que a readaptação funcional tem gerado desrespeito por parte dos colegas, desqualificação profissional e sentimentos de deslocamento ou inadequação, fatores que vem contribuindo para a despersonalização do professor após a readaptação funcional, prejudicando a constituição e manutenção da identidade do profissional nessa situação, criando a propensão a crises psicopatológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos propostos neste trabalho foram alcançados, identificando as diferenças fundamentais entre o antes e o depois da readaptação funcional. O presente estudo não tem a intenção de fazer generalizações ou esgotar o tema da readaptação funcional docente assim como sua relação com a identidade. É importante ressaltar que, ainda que o estudo tenha obtido dados importantes e ressonantes sobre a questão, deve-se considerar suas limitações em função da metodologia utilizada.

Os resultados dessa pesquisa sugerem que a profissão docente demanda conhecimentos que vão além daqueles adquiridos durante a formação. Indica, também, que o processo saúde-doença é construído no trabalho, espaço de construção da história individual e de identidade social. Sendo assim, a readaptação é um procedimento complicado e que acontece em meio a condições coletivas de trabalho como a sobrecarga de aulas, preconceito pelos pares, falta de reconhecimento, dentre outros. A saúde dos professores readaptados não pode ser restringida apenas aos distúrbios clínicos, em que a causa do adoecimento fica centrada nos fatores biomédicos, desconsiderando a análise da organização do trabalho que gerou o adoecimento.

Outro aspecto ratificado por esta pesquisa: o reconhecimento dos alunos quanto ao trabalho do docente causa prazer e reforça o sentido do trabalho docente, o reconhecimento proporciona ao professor suportar o sofrimento. Depois da readaptação a falta de reconhecimento e o preconceito provocado pelos pares complica a saúde do profissional. A readaptação funcional afeta não somente as relações com os colegas, mas também com o fazer profissional, que se desconfigura, gerando impacto em sua identidade profissional e provocando a marginalização desse docente dentro do recinto escolar. Ou seja, o sofrimento expresso pela professora readaptada não pode ser compreendido sem que se considere a nova organização do trabalho a que está submetida.

Sugerimos que outras pesquisas devem ser realizadas para aprofundar e especificar aspectos relevantes que foram aqui apresentados. Em suma, o presente trabalho, é válido para apontar a necessidade de atenção às condições de trabalho e

TRABALHO DOCENTE, READAPTAÇÃO FUNCIONAL E IDENTIDADE

saúde dos professores, antes de depois da readaptação. Além disso, sugere-se a discussão de políticas públicas que considerem a saúde do professor como aspecto básico para a qualidade da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aktouf, O. (1996) *A administração entre a tradição e a renovação*. São Paulo: Atlas.
- Clain, O. (1990) Identité (culturelle). In Encyclopédie Philosophique Universelle. Les Notions Philosophie (v. 1, p. 1211). Paris: Presses Universitaires de France.
- Athayde, M. (1996). *Gestão de Coletivos de Trabalho e Modernidade: questões para a engenharia de produção*. Tese de doutorado não publicada, Copper, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Barroco, M. L. S. (2001) *Ética e serviço social: fundamentos ontológicos*. São Paulo: Cortez.
- Bakhtin & Volochinov, (1929/2002). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec.
- Bourdieu, P. (1999). *A miséria do mundo*. Tradução de Mateus S. Soares. 3^a edição. Petrópolis: Vozes Brito, et. Al. (2001). Readaptação profissional: a ponta do iceberg? In: Brito, J. et al. (Orgs.). *Trabalhar na Escola? “Só inventando o Prazer*. Rio de Janeiro: IPUB.
- Brasil, (1990). Rio de Janeiro. Decreto nº 2.479, de 8 de março de 1979. Dispõe sobre o Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Poder Executivo do Estado do Rio de Janeiro. *Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 09 mar.1979. Recuperado em 24 de junho de 2014 <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/90539/decreto-2479-79-rio-de-janeiro-rj#art0>.
- Ciampa (1998). *Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno*. Interações, São Paulo, v. 3, nº. 6, p. 87-101, jul./dez.
- Cunha, I. M. (2006, p. 486). “*A didática como construção: Aprendendo com o fazer e pesquisando com o saber*”. XII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife: Endipe, pp. 405 – 503.
- Chizzotti A. (2006). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes.

Dejours, C. (1987). La méthodologie en Psychopathologie du Travail. IN: Dejours, C. (coord.) Plaisir e souffrance dans le travail. *Séminaire interdisciplinaire de Psychopathologie du Travail*, Paris: Ed. de l'AOCIP, Tome I, p. 99-113.

Dejours, C. (1992). *A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. São Paulo: Cortez.

Dejours, C. & Abdoucheli, E. (1994). Desejo ou motivação? A interrogação psicanalítica do trabalho. In: Dejours, C; Abdoucheli, E. & Jayet, C. *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.

Dejours, C. (1997). *O fator humano*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Dejours, C. (1999). *Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho*. São Paulo: Fundap; EAESP/FGV.

Dejours, C. (2004a). *Addendum*. Em S. Lancman, & L. I. Sznelwar (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*, p. 47-104. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.

Dejours, C. (2004b). Para uma clínica da mediação entre psicanálise e política: A psicodinâmica do trabalho. In: Lancman, Selma e Sznelwar, Laerte Idal (orgs.) “Cristophe Dejours: *Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Brasília: Paralelo 15.

Dejours, C. (2006). *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: FGV.

Dejours, C. (2012). Trabalho e saúde mental: da pesquisa à ação. Em C. Dejours, E. Abdoucheli & C. Jayet (Orgs.). *Psicodinâmica do trabalho, contribuições da Escola Dejouriana a análise da relação prazer, sofrimento e trabalho* (p.45-65). (13 ed.). São Paulo: Atlas.

Feracine. (1998, p.50). *O professor como agente de mudança social*. São Paulo: EPU.

Fernandes, A (2008). *A inteligência aprisionada. Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Porto Alegre: Artmed.

Ferreira, M. C. e Mendes, A. M. (2003). *Trabalho e riscos de adoecimento: o caso dos auditores fiscais da previdência social brasileira*. Brasília - DF: Ler, Pensar e Agir.

Ferreira, T. L. (2009). *História da educação luso brasileira*. São Paulo: Saraiva.

Freitas, L. (2005). *Mudanças e inovações na educação*. 2. Ed. São Paulo: Edicon.

Freud, S. (1929). *O Mal-Estar na Civilização*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago

Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e de grupos. Em M.W. Bauer & G. Gaskell (orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem, e som*. Um manual prático (pp.64-89). Petrópolis: Vozes.

Heloani, (2003, p. 2), *Saúde mental e psicologia do trabalho*. São Paulo em perspectiva. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/spp/v17n2/a11v17n2.pdf>.

Kuenzer, Z. A. (2002), Trabalho pedagógico: da fragmentação à unitariedade possível. In: Aguiar, S.A.M.; FERREIRA, C.S.N. (Orgs.). *Para onde vão à orientação e a supervisão educacional*. Campinas: Papirus, 2002, pp. 47.

Lacaz, F.A.C. (2010) *Capitalismo organizacional e trabalho: a saúde do docente*. Univ. Soc., Brasília, ano XIX, n.45, p.51-59.

Lancman, S. (2008). O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho. In: Lancman, S.; Sznelwar, L. I. (Org.). Christophe Dejours: *da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Fiocruz. p. 25-36.

Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Dispõe sobre o Regime Jurídico dos Servidores Públicos Civil da União, das autarquias e das fundações públicas federais Brasília. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/Lei/L8112cons.htm>.

Lorenz & Fuess (2003). *Disfonia em professores do ensino municipal: prevalência e fatores de risco*. Rev Bras Otorrinolaringol. V.69, n.6, 807-12, nov./dez.

Medeiros & Barretos (2006). *Professores afastados da docência por disfonia: o caso de Belo Horizonte* Cadernos Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 14 (4): 615 – 624.

Medeiros, R. C. F. (2010). *Para uma ecologia (mais) humana do professor readaptado*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

Martins, R. S. (2012) *Clínica do Trabalho*. São Paulo. Casa do Psicólogo.

Mendes, A.M. (2007b). Pesquisa em Psicodinâmica: a clínica do trabalho. Em A.M. Mendes (org.). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas* (p. 60– 88). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mendes, A. M. e Araújo, K. R. (2012). *Clínica da psicodinâmica do Trabalho: O Sujeito em Ação*. Curitiba: Juruá.

Marx, K. (2004). *Manuscritos econômicos filosóficos*. São Paulo: Martin Claret.

Marx, K. (2002). *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Martin

Marx, K. (1974). *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural
- Coleção os Pensadores.

Marx, K. E. (1989, p.164) *O capital*. 13. ed. Livro 1. Rio de Janeiro: Beltrand, 1989. V. I e V. II.

Minayo, S. C. M. (1996). (org). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 6^a Edição. Petrópolis: Vozes.

Nobre L. T. (2011), *Motivação: os desafios da gestão de recursos humanos na atualidade*. Curitiba: Juruá.

Novoa, A. (1992). *Profissão professor*. Porto Alegre: Porto

Paro, V. H. (2006). *Administração Escolar: introdução crítica*. São Paulo: Cortez.

Queiroz, M. I. P. (1988) Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: Von Simson, O. M. (org. e intr.). *Experimentos com histórias de vida* (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v.5, p. 68-80.

Rago, L. & Moreira. (2003). *O que é taylorismo*. São Paulo: Brasiliense.

Saviani, D. (2005). “História da escola pública no Brasil: questões para pesquisa”. In: Lombardi, J.C., Saviani, D. & Nascimento, M.I.M. (Orgs.), *A escola pública no Brasil: história e historiografia*. Campinas, Autores Associados, p. 1-29.

Saviani, D. (2007) *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados.

Shiroma, E. (2007). *Política Educacional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lamparina.

Seligmann-Silva S. (2004) *Saúde mental e trabalho - Escola de Administração de Empresas de São Paulo*, Fundação Getúlio Vargas. São Paulo SP.

Vygotsky, L. S(1934/1998). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Scoz, B. (2011, p.26) *Identidade e Subjetividade de professores: sentidos do aprender e do ensinar*. Petrópolis: Vozes.

Toldrá. R.C. (2010 et al). *Facilitadores e barreiras para o retorno ao trabalho: a experiência de trabalhadores atendidos em um Centro de Referência em Saúde do Trabalhador – SP, Brasil*. *Rev. bras. Saúde ocup.* São Paulo, v.35, n.121, p.10-22.

Piletti, C. (2012) *Historia da Educação de Confúcio a Paulo Freire*. São Paulo: contexto.

Teske, O. (2008). *Sociologia do trabalho*. Curitiba: Ulbra.

Will, M. E. D. (2004). *Aprendendo a ser professor: relações entre contexto de trabalho e formação inicial*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Rio Grande do Sul, Brasil.